

RESENHA DE *TRANSLATION: THE BASICS* DE JULIANE HOUSE

REVIEW OF TRANSLATION: THE BASICS BY JULIANE HOUSE



Talita Ferreira de Souza BRITO
Doutoranda em Estudos da Tradução
Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Fortaleza, Ceará, Brasil
lattes.cnpq.br/0806023285814632
orcid.org/0009-0003-1157-4480
talita.fsouza@alu.ufc.br

Resumo: A obra *Translation: the basics* de Juliane House é uma introdução acessível aos Estudos de Tradução, abrangendo questões essenciais nessa área. Dividido em quatro partes, o livro explora tópicos como a natureza da tradução, as competências necessárias aos tradutores, a influência da cultura e da ideologia na tradução e a evolução histórica da prática. A segunda parte aborda conceitos teóricos, como traduzibilidade, equivalência e critérios de qualidade. A autora apresenta seu próprio modelo de avaliação e discute o uso de corpora na pesquisa de tradução. Na terceira parte, House explora novas tendências nos estudos de tradução, como a compreensão do processo mental dos tradutores e o impacto da tecnologia digital e da globalização. A última parte concentra-se nos papéis da tradução em contextos do mundo real, incluindo situações profissionais e educacionais. A autora discute questões éticas e o crescente envolvimento de pessoas comuns em atividades de tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Traduzibilidade. Globalização.

Abstract: *The book Translation: The Basics by Juliane House is an accessible introduction to Translation Studies, covering essential topics in this field. Divided into four parts, the book explores issues such as the nature of translation, the competencies required for translators, the influence of culture and ideology on translation, and the historical evolution of the practice. The second part delves into theoretical concepts such as translatability, equivalence, and quality criteria. The author presents her own evaluation model and discusses the use of corpora in translation research. In the third part, House explores new trends in translation studies, including understanding the mental process of translators and the impact of digital technology and globalization. The final part focuses on the roles of translation in real-world contexts, including professional and educational settings. The author discusses ethical issues and the increasing involvement of ordinary people in translation activities.*

Keywords: *Translation Studies. Translatability. Globalization.*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

T*ranslation: the basics*, por Juliane House, faz parte de uma série de mais de 50 obras cuja proposta é apresentar as bases de uma determinada área de estudo em uma linguagem acessível. O livro em questão apresenta um panorama dos principais temas pertencentes aos Estudos da Tradução, proporcionando a estudantes iniciantes ou, até mesmo, a pessoas sem nenhum conhecimento sobre os assuntos abordados, uma compreensão clara do campo. O primeiro lançamento da obra foi em 2018, porém na nova edição de 2024, dois capítulos foram adicionados e todas as referências foram atualizadas. Juliane House é professora emérita da Universidade de Hamburgo e membro sênior no Centro de Pesquisa em Multilinguismo da mesma instituição, onde coordena vários projetos de tradução e interpretação. A autora é também professora distinta da Universidade Americana Helênica, na Grécia.

Translation: the basics é dividida em 14 capítulos estruturados em quatro partes. Além da introdução, que apresenta os aspectos gerais do livro, cada uma das quatro divisões dispõe de um resumo introdutório que expõe os tópicos a serem explorados em cada capítulo. A primeira parte, “Basic Issues in the Field of Translation”, trata de questões essenciais relativas à tradução, tais como a sua natureza, as competências necessárias a um tradutor, as perspectivas trazidas por estudiosos de diferentes épocas e lugares, além dos conceitos de cultura e ideologia.

O capítulo 1 inicia-se já em seu título com a pergunta “What is translation?”, a partir da qual a autora apresenta um resumo histórico de como a tradução vem sendo definida ao longo de sua existência. Se, por um lado, ela é vista como algo positivo, pois possibilita a disseminação de conhecimento de uma cultura para outra, por outro, ela é também considerada um texto de segunda mão, que só existe em função de outro. A autora explica, ainda, como a tradução é sempre encarada como uma relação de ligação dupla, uma vez que é necessário olhar para trás, à espera de que o conteúdo do texto-fonte seja mantido, e para frente, considerando as condições comunicativas do público-alvo. De forma geral, House reconhece o papel crucial da tradução na expansão de horizontes e na construção de pontes entre comunidades linguísticas e, ao mesmo tempo, levanta questionamentos sobre os desafios inerentes à natureza inevitavelmente secundária do texto traduzido.

O capítulo 2, “Translator’s competence”, faz considerações a respeito das habilidades necessárias a um tradutor. Nessa perspectiva, o fato de uma pessoa ser bilíngue não a torna automaticamente apta para esse tipo de serviço. House apresenta três elementos abrangidos pela capacidade tradutora, que são a habilidade para entender o texto-fonte, a capacidade de

transferir uma mensagem da língua-fonte para a língua-alvo e o domínio de recursos linguísticos da língua-alvo. A segunda habilidade é a que distingue tradutores das demais pessoas bilíngues, uma vez que essa competência tradutora depende do contexto em que o processo de tradução está inserido. Podemos pensar, por exemplo, em como a tecnologia impacta a natureza da competência tradutória e quais desafios são associados à tradução mediada por computador.

O capítulo 3, “Looking at translation from different perspectives”, traz importantes concepções de estudiosos da tradução e discute correntes de pensamento desenvolvidas por diferentes escolas a partir de meados do século passado, começando com a Escola de Leipzig, que considerava o processo de tradução como um ato bilíngue e desenvolveu muitos termos e conceitos usados até os dias de hoje. Abordagens mais atuais, por sua vez, passaram a valorizar aspectos filosóficos, psicológicos, sociais e políticos, revisitando torções ideológicas e relações desiguais de poder. Nesse contexto, um ponto relevante do capítulo é a crítica à invisibilidade do tradutor e à marginalização dentro da prática tradutória, postura crucial para reconhecer a importância do trabalho do tradutor e para promover uma visão mais justa e inclusiva da tradução como um processo cultural e socialmente significativo. Desse modo, ao oferecer um breve panorama histórico das principais correntes de pensamento na área da tradução, a autora destaca não apenas as contribuições linguísticas, mas também as preocupações éticas e políticas que permeiam o campo.

O capítulo 4, “Culture and ideology in translation”, encerra a primeira parte do livro, partindo da concepção de que quando falamos sobre tradução, não tratamos apenas do intercâmbio entre línguas, mas também entre culturas. Uma abordagem mais recente trazida por Sperber (1996) vê cultura em termos de diferentes representações mentais que podem ser expressas por meio de uma linguagem ou por artefatos, com potencial de se tornar representações públicas acessíveis a indivíduos ou grupos, estabelecendo-se como representações culturais. House escreve também sobre como a virada cultural nos anos 1990 fez com que discussões sobre tradução e ideologia se tornassem populares, apresentando a ideia de cultura como local de luta ideológica e resistência a estruturas hegemônicas. A autora faz um exame honesto ao também apontar críticas à análise ideológica na tradução, especialmente quando essa se torna demasiadamente tendenciosa.

A segunda parte do livro, com o título “Some Much-Discussed Concepts in Translation Theory”, aborda várias questões importantes na tradução, como os conceitos de

traduzibilidade, tradução universal, equivalência, além de tratar sobre a complexa tarefa de julgar uma tradução em termos valorativos.

O capítulo 5, “Possibilities and impossibilities of translation”, como o próprio título já bem antecipa, discute quando e por que a tradução é possível ou não. Para tanto, House considera fundamentos filosóficos, linguísticos e socioculturais, e inicia discutindo a ideia de relatividade linguística, a qual pressupõe que o léxico e a gramática têm forte influência sobre o pensamento, a visão de mundo e o comportamento de seus falantes. Contudo, a perspectiva de que alguns conceitos podem ser intraduzíveis entre línguas devido às diferenças em sua estrutura linguística e cultural é objeto de debate e a própria House apresenta um contraponto a essa ideia. Entretanto, a despeito dos argumentos favoráveis à traduzibilidade, a autora também revela algumas limitações desse aspecto, a exemplo da conotação e da poesia, sendo possível, para essa última, a “transposição criativa”, conforme os pressupostos de Jakobson (1959). Essa aparente contradição da autora sugere que há, na verdade, uma complexidade intrínseca na questão da traduzibilidade que vai além das estruturas linguísticas, dependendo também da natureza das ideias e conceitos que estão sendo transmitidos.

4 O capítulo 6, “Universals of translation?”, traz o debate sobre a existência ou não de “universais da tradução”, apresentando inicialmente a longa história de discussões sobre a ideia de universais linguísticos. Estudiosos do período medieval e da Renascença advogavam a existência de uma gramática universal que seria a gramática da mente humana, indicando que as línguas eram as mesmas em sua estrutura mais profunda. Apesar dessa ideia ter sido ignorada mais adiante, o interesse pelo tema reapareceu recentemente no mundo ocidental. House, por seu turno, surpreende ao argumentar a favor da existência de universais na linguagem, no entanto, para ela, a busca por universais na tradução seria um trabalho desnecessário, uma vez que, o que poderíamos chamar de universais da tradução seriam, na verdade, universais da linguagem que se aplicam à tradução.

Em “How do we know when a translation is good?”, o sétimo capítulo da obra, House dedica um espaço para apresentar o seu próprio modelo de avaliação da qualidade da tradução, o qual ela destaca como sendo o único totalmente formulado até o momento. O modelo linguístico funcional-pragmático é firmemente apoiado na ideia de equivalência e foi proposto pela primeira vez nos anos 1970, sendo recentemente atualizado pela autora. As traduções, nessa perspectiva, são concebidas como textos duplamente restringidos: pelos seus originais e pelas presentes condições comunicativas dos seus destinatários. Embora House possa estar enfatizando a amplitude e a elaboração de seu próprio modelo, é importante reconhecer que

existem outros métodos de avaliação da qualidade da tradução que também são altamente desenvolvidos e influentes no campo da tradução, a exemplo dos modelos desenvolvidos por Christiane Nord, que, além dos aspectos linguísticos, considera muitas outras nuances, tais como fatores culturais e competência do tradutor.

A terceira parte da obra, intitulada “Some Important New Trends in Translation Studies”, explora várias novas tendências nos estudos da tradução.

O capítulo 8, “What goes on in translators’ heads when they are translating?”, apresenta alguns métodos de pesquisa na área e seus resultados. As principais abordagens usadas consistem em investigar o que acontece na mente do tradutor tanto quando o processo tradutório ocorre de forma simultânea como de forma retrospectiva. House dispõe também sobre os estudos experimentais de neuroimagem e sobre como eles podem contribuir para uma melhor compreensão do cérebro bilíngue. A autora, por fim, faz considerações sobre a possibilidade de combinação desses estudos com a sua própria teoria funcional-pragmática da tradução.

O capítulo 9, “Using corpora in translation studies”, discute como os estudos de corpus, uma metodologia relativamente nova, mudaram a teoria e a prática da tradução nas últimas décadas. Esse tipo de abordagem permite que grandes quantidades de dados sejam armazenadas e manipuladas, mostrando-se uma ferramenta confiável na medida em que, baseada em padrões e regularidades de tradução, faz com que o trabalho de estudiosos e tradutores se torne menos subjetivo. House apresenta um projeto conduzido por ela juntamente a outros pesquisadores entre 1999 e 2011, em Hamburgo, chamado de *Covert translation* ou, em alemão, *Verdecktes Übersetzen*, o qual usou os estudos baseados em corpus como um *link* entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa. A iniciativa da autora, conforme descrita no capítulo, parece promissora, pois oferece uma abordagem abrangente ao unir diferentes métodos para investigar questões relacionadas à tradução usando um grande volume de dados textuais.

O capítulo 10, “Translation in the age of globalization and digitalization”, traz um olhar sobre a globalização, um processo que faz com que as fronteiras entre nações fiquem cada vez menos nítidas, impactando diversas esferas, inclusive a tradução. House discorre sobre como a globalização e a tradução estão intimamente conectadas, pois a diversidade linguística ao redor do mundo em sua atual conjuntura apela para uma maior necessidade de traduzir. Um fenômeno fortemente relacionado a esse processo é o uso do inglês como língua franca (ELF), podendo este ser caracterizado por uma enorme flexibilidade, variabilidade e difusão nas mais diversas áreas linguísticas, geográficas e culturais. A autora aborda uma questão crítica sobre

o assunto: seria o uso cada vez mais difundido do ELF uma ameaça para a tradução? House conclui que não, dado que o processo que impulsionou o uso do ELF também aumentou a demanda por traduções, isto é, a globalização.

Na última parte de *Translation: the basics*, com o título “Translation in the Real World”, são discutidos os papéis da tradução e dos tradutores em variados contextos contemporâneos de prática, a exemplo de ambientes de aprendizagem de línguas estrangeiras. Na presente edição da obra foram adicionados dois capítulos a essa parte final do livro: o de número 11, com o título “Translation as communicative practice in a globalized business context”, que aborda a tradução no contexto dos negócios globais e seu papel fundamental na facilitação da comunicação eficaz entre empresas e profissionais de diferentes culturas e idiomas ao redor do mundo; e o capítulo 12, intitulado “Can culturally embedded concepts really be appropriately translated?”, que trata da questão da complexidade da tradução de conceitos culturais profundamente enraizados em idiomas e culturas específicas. Os novos capítulos acrescentam uma dimensão valiosa à obra, explorando tanto os aspectos práticos da tradução em contextos específicos quanto questões mais abstratas e conceituais relacionadas à tradução intercultural. Tais assuntos enriquecem o debate sobre os desafios e oportunidades enfrentados pelos tradutores na era globalizada e destacam a importância contínua da tradução como uma ferramenta essencial para a comunicação eficaz em um mundo diversificado e interconectado.

6

Em seguida, o capítulo 13, “The role of translation in language learning and teaching”, em uma exposição diacrônica, discute de forma crítica como a tradução tem sido usada no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras ao longo dos últimos séculos, trazendo uma visão nova e mais criativa para o nosso contexto atual. House afirma que a tradução para o ensino provavelmente começou a ser usada desde o século III a.C. por professores de latim em comunidades gregas do Império Romano. Já no final do século XVIII, ela se tornou uma forma importante de exercício. A autora cita abordagens usadas ao longo dos últimos séculos, que deram mais ou menos importância à tradução, como o *grammar-translation method* e o método audiolingual, ou aboliram completamente a tradução, como o método direto. Hoje, o ensino de língua estrangeira tem se voltado cada vez mais para uma performance bilíngue, no entanto, a discussão sobre o papel da tradução ainda não chegou ao fim. House afirma que o que faz toda a diferença é o componente pragmático, isto é, a tradução pode ser muito útil quando aplicada de maneira correta. A autora acerta ao trazer uma reflexão sobre o papel da tradução no ensino

de línguas estrangeiras, destacando a necessidade de uma abordagem flexível e equilibrada, que integre a tradução de forma estratégica no processo de aprendizagem de línguas.

O capítulo 14, “Translation as a social practice in real-life situations”, encerra a obra tratando da tradução como prática profissional em diferentes situações, inclusive em contextos multilíngues. House cita Kaisa Koskinen (2000), que teceu críticas a respeito da União Europeia por propagar a ideia de que existe uma igualdade entre todas as línguas europeias, fazendo com que os tradutores sejam forçados à uniformidade em seus trabalhos, além de construir a ideologia de que os textos em diferentes línguas são apenas versões, negando, assim, a própria ideia de tradução. Em seguida, é abordado um novo campo nos Estudos da Tradução que lida com temas como migração, minorias, questões de poder e desigualdade. Essa seção explora ainda vários outros estudos, como a *microhistory of translation*, assim chamados por Munday (2014) os locais e as situações de trabalho dos tradutores, e a questão da ética ligada ao trabalho do tradutor. House fecha o capítulo dando um destaque especial para as ciberculturas como formas de maior participação cultural por meio digital, um novo contexto no qual as tecnologias da informação e colaborativas estão empoderando pessoas comuns e facilitando suas vidas. Mais uma vez, a autora mostra possuir um olhar aguçado para capturar questões complexas e emergentes na prática da tradução, destacando a importância contínua da tradução como uma atividade social, política e culturalmente relevante. O último capítulo oferece uma análise abrangente e perspicaz sobre a tradução como uma prática social em constante evolução, demonstrando a profundidade e a amplitude do campo da tradução e sua relevância no mundo contemporâneo.

Translation: the Basics inclui, ao fim, um glossário com as definições de importantes termos e conceitos presentes na obra, além de uma lista, em ordem alfabética, contendo nomes de autores, tópicos, palavras-chave e ilustrações com a indicação do número da página ao lado. Detalhes como esses ajudam o leitor a compreender melhor o conteúdo e a navegar de forma mais eficiente pelo livro. Esse tipo de cuidado demonstra o compromisso da autora e/ou dos editores com a clareza e a acessibilidade do material.

A seleção de assuntos para construir em uma única obra a visão geral de um campo de estudo tão vasto e em constante expansão não é uma tarefa fácil, mas Juliane House cumpriu esse trabalho de maneira habilidosa. É importante destacar também que, embora haja um tópico sobre tradução audiovisual, a autora poderia ter abordado o assunto de forma mais completa, ainda que brevemente, ou mesmo incluir outras modalidades de tradução além da interlingual, tais como a tradução intersemiótica e a tradução intermodal. Essas ausências, no entanto, além

de poderem ser compensadas em edições posteriores, não diminuem a precisão da obra no desenvolvimento dos seus temas. O livro, enfim, oferece uma excelente introdução sobre as diferentes perspectivas e abordagens dos Estudos da Tradução, especialmente para aqueles que ainda não estão familiarizados com a área.

REFERÊNCIAS

House, J. (2024). *Translation: the basics* (2. ed.). Routledge.

Jakobson, R. (1959). On Linguistic Aspects of Translation. In R. Brower (ed.), *On Translation* (pp. 232-239). Oxford University Press.

Koskinen, K. (2000). Institutional Illusions: Translating in the EU Commission. *The Translator*, 6(1), 49-65. <https://doi.org/10.1080/13556509.2000.10799055>

Munday, J. (2014). Using Primary Sources to Produce a Microhistory of Translators and Translations. *The Translator*, 20(1), 64-80. <https://doi.org/10.1080/13556509.2014.899094>

Sperber, D. (1996). *Explaining Culture*. Blackwell.